



Os jovens Guarani do Espírito Santo: diálogos e oficinas culturais

The young Guarani of Espírito Santo State: dialogues and cultural workshops

Resumo

O presente trabalho relata a experiência ocorrida no projeto de extensão “Terapia Ocupacional e os jovens Guarani do Espírito Santo: diálogos e oficinas culturais”, entre os anos 2011 e 2014, e sua relação com a comunidade Guarani e com os estudantes de Terapia Ocupacional. Esse projeto, ligado às necessidades dos jovens Guarani de Aracruz/ES, promoveu espaços de discussão com recorte étnico, incentivando a emancipação com o uso de atividades que foram consideradas significativas às suas perspectivas futuras, oficinas e grupos de atividades utilizando-se como recursos teatro, música, dança, multimeios, fotografia, vídeo e outros, como o trabalho comunitário. Sendo assim, o projeto justificou-se pelo fator social e cultural que abrange em suas ações com a juventude Guarani. Essas ações são voltadas para a valorização cultural, as afirmações identitárias, a cidadania e a emancipação social.

Palavras-chave: Jovens Guarani; Extensão Universitária; Oficinas Culturais; Terapia Ocupacional.

Abstract

The following research reports the experience of extension project program Occupational Therapy and the young Indians Guarani of Espírito Santo State: dialogues and cultural workshops between the years of 2011 and 2014, which are related on the Guarani Community and Occupational Therapy students. This project is supported to the necessity of the young Indians Guarani of Aracruz/ES, promoted an analysis for discussion with ethnic profile and incentive to the emancipation using activities that they considered significant to their future prospects, workshops and network groups of activities using resources such as theater, music, dance, multimedia, photography, video and other, as the community work. Thus, the project was justified by the social and cultural imprints that comprehend their actions with the Guarani youth. These actions focused on cultural appreciation, identity assertion, citizenship and social emancipation.

Keywords: Young Indians Guarani; University Extension Program; Cultural workshops; Occupational Therapy.

Maria Daniela Corrêa de Macedo¹
Amabile Teresa de Lima Neves²
Carolini da Silva Ramos Oliveira³
Letícia Manzoli Vedove⁴
Sérgio Leandro da Silva⁵
Agnes Sunderhus Pereira⁶
Vinícius Vieira Mota⁷

¹Mestre em Ciências, professora assistente da Universidade Federal do Espírito Santo. madanito@gmail.com, Departamento de Terapia Ocupacional/CCS/UFES: Av. Marechal Campos, 1468. CEP: 29.040-090, Maruípe - Vitória/ES, Tel: 3335-7018;

²Bacharela em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal do Espírito Santo.

³Bacharela em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal do Espírito Santo.

⁴Bacharela em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal do Espírito Santo.

⁵Discente do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Espírito Santo.

⁶Discente do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Espírito Santo.

⁷Discente do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Espírito Santo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata a experiência ocorrida no projeto de extensão “Terapia Ocupacional e os jovens Guarani do Espírito Santo: diálogos e oficinas culturais”, entre os anos 2011 e 2014, e sua relação com a comunidade Guarani e com os estudantes de Terapia Ocupacional. Utilizando-se das palavras de Barros, Ghirardi e Lopes (2002):

A terapia ocupacional recobre um campo de conhecimento e de intervenção em saúde, em educação e na esfera social, devendo desenvolver metodologias adequadas à ação territorial e comunitária. Assim, torna-se imprescindível para a terapia ocupacional aceitar os desafios que se colocam e buscar contribuir, a partir dos saberes que vem acumulando em outras esferas, na formulação e desenvolvimento de ações que possam equacionar problemas vinculados aos processos de ruptura de redes sociais de suporte. Trata-se de fortalecer uma postura epistemológica na terapia ocupacional, em que as intervenções devem ser dimensionadas pela compreensão da demanda (análise de sentido e de processos históricos e sócio-culturais) e pelo uso de atividades como elemento centralizador e orientador na construção complexa e contextualizada do processo. (BARROS; GHIRARDI; LOPES, 2002, p.102).

O projeto de extensão está intimamente ligado às necessidades dos jovens e se reforça pelo recorte étnico do subgrupo Guarani-Mbyá, no qual se discute questões interculturais. Foram realizadas oficinas e agrupadas atividades com base em níveis de relevância e significação para os jovens, ligados aos projetos futuros e aos anseios desse subgrupo.

Observamos que o contato constante com diferentes influências e diferentes diálogos interculturais na cidade não tem propiciado a esses jovens eco e voz para o aprofundamento de suas raízes, suas ressignificações e afirmações identitárias. Assim, inicialmente, nas oficinas optamos pelas questões expressivas e relacionais com o recurso das artes cênicas e dinâmicas, justificadas tanto pela escolha dessa temática pelos jovens, quanto pela possibilidade de se manter as trocas de experiências entre eles e de produzirem suas próprias críticas e análises sobre seus contextos.

A partir das reflexões produzidas no interior da extensão universitária, preferimos o relato de experiência, com o objetivo de descrever as impressões do contato dos estudantes com o campo de extensão e discorrer acerca da importância desse campo na formação acadêmica de terapeutas ocupacionais. Para tanto, faremos uma breve apresentação do contexto em que emerge o projeto de extensão com o Povo Guarani, remetendo-se ao histórico e à apresentação de algumas oficinas e grupos realizados.

UM BREVE HISTÓRICO DOS GUARANI NO ESPÍRITO SANTO

Os Guarani representam a maior população indígena encontrada no Brasil. Eles estão divididos nos subgrupos Guarani-Ñandeva, Guarani-Kayowá e Guarani-Mbyá, que apresentam diferenças linguísticas, nas práticas de rituais, nos costumes e na organização política e religiosa (ISA, 2015). De acordo com o resultado do Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2010), mais de 67 mil pessoas se autodeclararam Guarani no país, sendo mais de 8 mil Guarani-Ñandeva, mais de 43 mil Guarani-Kayowá e mais de 8 mil Guarani-Mbyá.

Para Brand, Colman e Machado (2008) são em torno de 225 mil Guarani na América Latina, segundo informações da Campanha Guarani do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), sendo Estado, passaram pelo município de Guarapari e se estabeleceram em Caieiras Velhas, região de Aracruz. Sua longa trajetória fora motivada por inúmeras causas, como a revelação religiosa, os conflitos pela terra, os conflitos internos nas aldeias, o trabalho forçado nas fazendas, a morte de parentes e a exploração para o turismo.

Conforme relata Pellon (2008), os Mbyá de Aracruz viveram durante as quatro últimas décadas sob forte confinamento territorial, em uma região onde se situam mais quatro aldeias Tupiniquim, três distritos urbanos, três rodovias estaduais e a antiga multinacional Aracruz Celulose – atualmente nomeada FIBRIA, maior produtora de celulose branqueada do mundo, que integra extensas áreas de monocultura de eucalipto a um complexo fabril e um porto marítimo dedicado à exportação de seus produtos. Em 2007, chegou ao fim uma disputa fundiária que ganhou visibilidade internacional pela ampla divulgação na mídia de que os índios representavam um obstáculo ao desenvolvimento econômico regional. A campanha midiática, requerida pela multinacional, que ocupava irregularmente grande parte da Terra Indígena Guarani-Tupiniquim, tomou dimensão de conflito ideológico, dividindo as opiniões da população regional e trabalhadores vinculados à empresa, sobre a necessidade de políticas diferenciadas para a utilização dos espaços públicos pelos povos indígenas.

O universo Guarani contém diferenciações de modos particulares de apreender a realidade entre jovens e velhos, entre homens e mulheres. De acordo com Macedo (2010), no mundo das interações com a cidade e também nos afazeres na comunidade, os jovens representam um segmento muito dinâmico. Eles estão ativamente presentes em muitas situações, envolvidos em atividades de cotidiano ou de rituais.

Com seus estudos no Mato Grosso, Alcântara (2006) revelou que é muito frequente entre os jovens falar-se sobre o presente, sobre o que está acontecendo com eles; quanto ao futuro, porém, as respostas são inexistentes ou evasivas. Por conseguinte, a relevância das comunidades indígenas do Espírito Santo, localizadas no norte do Estado, e as questões de conflitos territoriais ampliaram o desejo de realização do projeto, visando fomentar perspectivas futuras aos jovens que vivem “entre” culturas e despertar a construção de projetos de vida.

Compreendendo, pois, a pertinência da questão territorial nesse contexto, o projeto de extensão inscreve-se na perspectiva de um diálogo intercultural. Este,

segundo Santos (1997), não seria apenas a troca entre diferentes saberes, mas entre diferentes culturas, entre universos de sentidos distintos e muitas vezes desproporcionais.

O SURGIMENTO DO PROJETO DE EXTENSÃO

Inserido no cenário descrito anteriormente, o presente trabalho relata algumas experiências ocorridas no projeto de extensão e sua relação com a comunidade Guarani e com os estudantes de Terapia Ocupacional. Para tanto, o projeto fundamentou-se na pesquisa realizada com o mesmo grupo participante, intitulada “Os jovens Guarani do Espírito Santo: relações entre atividades e perspectivas futuras”, que resultou no trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional (MACEDO et al., 2011).

A proposta do projeto visa à socialização e interação entre os jovens Guarani das aldeias de Aracruz e outras comunidades Guarani através do recurso audiovisual, com filmes sobre a temática indígena, envolvendo seus mitos, cultura, etnias, dentre outros, além de recursos produzidos pelos próprios índios, como documentários, textos e blogs. Foram utilizados ainda recursos como teatro, música, dança, fotografia e outros, proporcionando espaços de discussões sobre temáticas da juventude com recorte étnico e sobre processos de emancipação, cidadania e valorização cultural.

É importante pontuar que embora o projeto esteja voltado, a princípio, aos jovens Guarani, nos anos de 2013 e 2014 houve uma aproximação significativa por parte das crianças às atividades de extensão. Surgiram assim demandas do público infantil e ações voltadas a ele por meio das oficinas de brincadeiras e de jogos. As oficinas e os grupos de atividades foram criados tendo como base, portanto, os níveis de relevância e significação para os jovens (ligados aos projetos futuros e aos anseios desse grupo) e as crianças.

O intuito de trabalhar nas oficinas o recurso dos multimeios justifica-se pela possibilidade de manter o acesso à informação e às trocas de experiências com as mais diversas etnias e com outros Guarani, além de permitir a produção de suas próprias críticas e análises sobre seus contextos, visto que o contato constante com diferentes influências e diferentes diálogos interculturais na cidade não tem propiciado aos jovens eco e voz para o aprofundamento de suas raízes e afirmações identitárias.

Dessa forma, o projeto legitima-se pelo fator social e cultural que abrange em suas ações com a juventude Guarani. Ações essas voltadas para a valorização cultural, afirmações identitárias, cidadania e emancipação social. Quanto às brincadeiras e aos jogos, tais recursos têm por objetivo trabalhar a necessidade das crianças de autoexpressão e de expressão do cotidiano em comunidade.

Segundo Barros et al. (2007), a terapia ocupacional social deve contribuir para o equacionamento de questões impostas pelas contradições sociais e culturais, e sua intervenção constitui-se como estratégia de mediação de conflito, por meio da incorporação de metodologias de ação social, pois há conflitos nas relações entre indivíduos e grupos, e conflitos inerentes à organização social, política e econômica.

Segundo Godoy (2007), uma lógica diferenciada de pertencimentos impõe-se por meio de uma linguagem intercultural. Nesse sentido, a criação de projetos sociais

ligados à cultura pode criar mediações de situações em que as identidades ameríndias recriam-se para dar sentido às novas gerações. Ainda, Macedo (2010, p. 240) conclui sua dissertação averiguando que “os jovens parecem preparar-se para uma relação mais reticular em que a educação e a profissionalização são fundamentais”. Concordamos com Macedo e, com isso, o projeto se coloca como mais uma opção para esses jovens, no intuito de desenvolver outras novas possibilidades de modos de vida, para corresponder às novas demandas contemporâneas.

Ademais, o projeto de extensão atua como um divulgador da Terapia Ocupacional Social, pois os trabalhos desenvolvidos têm sido apresentados em mostras acadêmicas e congressos e recebido o aceite para palestras e discussões em eventos no Espírito Santo e fora do Estado. O tema do projeto foi foco na organização de eventos como “I Encontro de Terapia Ocupacional Social e Diversidade Cultural”, ocorrido em 2013, na Aldeia Guarani Três Palmeiras, em Aracruz – ES; esteve como uma das principais apresentações na Roda de Conversa “Terapia Ocupacional e Cultura: Contextos e Possibilidades” ocorrida em 2014; e teve experiências apresentadas no “III Seminário de Pesquisa em Terapia Ocupacional e XIV Encontro Nacional de Docentes de Terapia Ocupacional” e na “II Semana de Terapia Ocupacional da UFES”, também em 2014.

OFICINAS CULTURAIS¹: TROCAS, NEGOCIAÇÕES E DESDOBRAMENTOS DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO

As oficinas culturais foram definidas através da pesquisa realizada junto aos jovens em 2011. Nos primeiros encontros o objetivo principal foi conhecer os jovens da aldeia e as atividades que gostariam de realizar, além de motivações pessoais e comunitárias.

Foram utilizadas atividades expressivas, nas quais os jovens puderam externar no papel suas vontades, interesses e objetivos. Eles tinham à disposição materiais como canetas, giz de cera, lápis de cor, cartolinas, papéis, etc., para que pudessem produzir desenhos e/ou escritas. Essas atividades também intermediaram o nosso primeiro contato com os jovens e facilitaram nossos diálogos.

Alguns jovens se afastaram um pouco, formando outro grupo do outro lado da sala e ficaram mais quietos. Aproximamos deles tentando conversar, mas não foram muito receptivos, parecendo serem ainda mais retraídos que os jovens do primeiro grupo. Aos poucos, conseguimos conversar, e a maioria aceitou a proposta de expressar no papel todas as suas vontades e desejos. Superando as expectativas, eles expressaram muitos desejos a serem realizados na aldeia, como grupos para discussão de temas, teatro, filmes como cinema com tela e pipoca, filmagem, fotografia, a construção de um blog, um campo melhor para jogar futebol - foram os que mais prevaleceram (Extensio-nista B do projeto de extensão relatando o início das atividades de extensão).

No segundo encontro, preparamos atividades de descontração e interação com o intuito de facilitar a nossa aproximação com os jovens e a deles entre si.

¹Cuidados éticos: O projeto conta com a anuência das lideranças das aldeias Guarani, oralmente e por escrito, para realização do projeto de extensão com jovens e crianças da comunidade, como estudos correlatos. A coordenadora do projeto acredita que o percurso construído através da realização de outros projetos nas aldeias Guarani, tanto de Aracruz quanto de Ubatuba, favoreceu sua autorização, pois a relação mútua de respeito já foi estabelecida entre a coordenadora e a comunidade Guarani.

O encontro prosseguiu com uma conversa em grupo, na qual discutimos questões e assuntos relacionados à juventude, como trabalho, educação, gestação na adolescência, drogas, preconceito, dentre outros. Com isso, surgiu uma lista de temáticas escolhidas por eles e que seriam abordadas em encontros posteriores.

Fomos bem recebidos e foi bastante agradável estar com eles. Apesar de resistentes no começo, depois interagiram e participaram, sugerindo novas ideias, o que nos proporcionou conhecer os seus gostos e pensar em possibilidades de atividades significativas para eles, assim como começar a identificar questões a serem desenvolvidas (Extensionista D do projeto de extensão relatando o início das atividades de extensão).

Nos encontros seguintes discutiram-se temas como família, álcool, drogas, preconceito e formação profissional, além da encenação teatral resultante dos diálogos construídos nos grupos de discussão. Nos espaços de debate, os jovens trocaram informações sobre os diversos assuntos e emitiram suas opiniões. Com as reflexões advindas de cada discussão em grupo, e com os relatos de situações semelhantes vivenciadas por eles na rotina da aldeia, assim como no ambiente fora dela, foi proposta a atividade de criação de uma história sobre o assunto escolhido, a saber, a família e o uso abusivo de álcool; com a encenação da mesma e gravação em filmadora.

Nas atividades de teatro, os jovens puderam expressar situações relacionadas aos assuntos e questões presentes em suas realidades, às vezes até vivenciadas por eles. Bem como discutir sobre possibilidades de enfrentamento de determinados problemas e situações adversas pertencentes à rotina deles e as relações estabelecidas entre os próprios jovens e destes com a comunidade. Portanto, estes momentos de vivências propiciaram releituras e ressignificações de seus modos de vida, bem como nós, estudantes da Terapia Ocupacional (Extensionista C do projeto de extensão relatando alguns desdobramentos das atividades de extensão).

Outro método utilizado foi a atividade de dança, a qual iniciamos com alongamentos e dinâmicas de expressão corporal. Dentre vários CDs com estilos musicais diferentes, eles selecionaram qual deles eles queriam aprender a dançar.

Já na ocasião da oficina de bijuterias, houve troca entre os jovens e os estudantes da Terapia Ocupacional, com o uso de variadas miçangas, náilon, fechos e ferramentas como alicates, agulhas, etc.

No último encontro de 2011 realizamos um torneio de futebol local, com a participação das três aldeias Guarani e de algumas aldeias Tupiniquim. Para a efetivação deste torneio foi preciso participação ativa dos jovens, responsáveis pela divulgação, inscrição e organização dos times de futebol. Essa conjunção era sempre uma temática apresentada durante os demais encontros, apontando as

dificuldades relacionais entre os jovens de diferentes aldeias e de etnias diferentes.

Os encontros de 2012 em diante foram permeados por uma nova demanda que surgiu através da aproximação das crianças, de modo a revelar uma vontade por parte delas de participarem das atividades da extensão, bem como a necessidade que tinham em relação a brincadeiras, jogos, contação de histórias e espaços de trocas e expressão dedicados a elas.

Partindo dessa premissa, foi possível se pensar em ações voltadas para a valorização da expressão e de processos criativos, e, na utilização de dispositivos que contribuíssem para o fortalecimento de saberes e fazeres tradicionais, atividades voltadas para valorização da cultura e do cotidiano tradicional.

Nesse sentido, houve um investimento do projeto em oficinas de brincadeiras infantis nas quais as crianças traziam seus conhecimentos e os partilhavam com os extensionistas, de forma a (re) elaborar, a partir das trocas, suas brincadeiras, (re) descobrindo novas formas de estar no espaço da aldeia.

Buscamos desenvolver atividades expressivas e corporais que fossem culturalmente pertinentes (desenho, bolinha de gude, pula corda, pique bandeira, futebol, identificação das árvores frutíferas, dentre outras) voltadas para a valorização do cotidiano, com ações pautadas na valorização cultural e afirmações identitárias. Nesse contato, mesclávamos a língua portuguesa com a língua guarani. Entretanto, a linguagem que mais nos aproximou foi o brincar (Extensionista E do projeto de extensão relatando sobre as oficinas de brincadeiras e jogos).

Em 2014 surgiram demandas por parte dos jovens e adultos da Aldeia Boa Esperança, que reivindicaram maior interação entre eles e os jovens das demais aldeias Guarani de Aracruz. Por meio de reuniões, planejamento, negociação e diálogo com as lideranças de ambas as aldeias pudemos mediar a interação entre eles a partir das oficinas de jogos e dos momentos de lazer, o que contribuiu sobremaneira para a criação e o fortalecimento do vínculo de todos os envolvidos.

Ademais, é pertinente ressaltar o desdobramento da presença do projeto de extensão nas aldeias Guarani em outras atividades e demandas. Em 2014, o projeto esteve envolvido na mediação do diálogo intercultural para a implantação do Programa ProJovem Trabalhador – programa do Ministério do Trabalho e Emprego desenvolvido em parceria com Municípios e Governos do Estado –, que tem o intuito de preparar o jovem para o mercado de trabalho e com formas alternativas de renda.

A mediação se deu no que tange ao fato de o programa não ter levado em consideração os costumes, hábitos e práticas culturais Guarani, exigindo questões burocráticas que não fazem parte dos processos do cotidiano guarani. Nesse âmbito, a Terapia Ocupacional, por meio de seus recursos, agenciou o diálogo intercultural, promovendo a troca de informações entre os envolvidos para que o programa pudesse ser implementado na aldeia.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: RELAÇÃO DOS ESTUDANTES COM A COMUNIDADE E REFLEXOS NA FORMAÇÃO

Ao entrarmos em contato com o outro que nos é diferente, a princípio há um choque, um “estranhamento”, pois o homem é focado em seu próprio mundo, em seu próprio meio, “naturalizando” suas ações e seus conhecimentos, tomando-os como certos e absolutos (LAPLANTINE, 2004). O autor ainda descreve que o encontro com culturas diferentes, da qual estamos habituados, provoca em nós um novo olhar sobre nós mesmos, nos levando a enxergar aquilo que nossas lentes não permitem que vejamos. E mais que um novo olhar, desperta reflexões e novos pensamentos. É, pois, na experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) que nós nos descobrimos, nos (re) conhecemos e nos afirmamos, conforme relata a aluna a seguir:

Ficou designado a mim, juntamente com outras alunas, irmos para a cozinha e ajudar as mulheres da Aldeia a cozinhar. [...] Foi aí que começou o meu processo de colocar a lente/os óculos do outro. As mulheres não índias contemporâneas quando vão para a cozinha, principalmente se estão cozinhando juntamente com outras mulheres, são de falar bastante e ficam entorno de suas panelas como se fossem seus próprios filhos. Vigiam e ao mesmo tempo experimentam o preparo, e quando o alimento por fim fica pronto, às vezes servem à mesa, outras vezes deixam no fogão, e quem irá consumir que se sirva. Isso não é uma regra geral, mas praticamente é assim que acontece. As mulheres indígenas, pelo menos as da Aldeia Três Palmeiras, em compensação falam pouco, falam somente o necessário, mesmo quando estão em muitas. Saem da cozinha para fumar seus cachimbos e conversar, deixando os preparos no fogo, aparecendo somente uma e/ou duas delas de tempo em tempo para ver se tudo está indo bem. Quando a comida fica pronta, são elas que preparam os pratos das demais pessoas da aldeia, entregando os pratos de forma que ninguém diferente precise entrar na cozinha, somente as crianças é que entram (Extensionista F do projeto de extensão relatando sua experiência de cozinhar com as mulheres Guarani).

Contudo, é importante ressaltar que assim como o encontro com o outro pode nos levar a reflexões críticas sobre nós mesmos, nos fazendo crescer, também pode gerar em nós uma notável autoafirmação, a ponto de nos despertar o sentimento de superioridade. Deste modo não nos sentimos instigados a trocar experiências com o diferente, mas a querer dominá-lo e a inferiorizá-lo, impondo nossa cultura à dele.

De acordo com Benedict (1982, p. 14), “não há ninguém que veja o mundo com uma visão pura de preconceitos. Vê-o, sim, com o espírito condicionado por um conjunto definido de costumes, e instituições, e modos de pensar”. Nesse sentido, para que o preconceito e – conseqüentemente – o domínio não prevaleçam e que em seus lugares a troca predomine se tornando uma via de mão dupla e de

acréscimo é preciso que nesse encontro ambas as partes se dispam de suas lentes, mas principalmente aquele que se dispôs a ir até o outro (que lhe é diferente), e conhecê-lo.

A relação dos estudantes de Terapia Ocupacional com os Guarani perpassa por esse exercício de tirarem suas lentes e vestirem as dos Guarani. Nas visitas à Aldeia Guarani Três Palmeiras, os estudantes vivenciam os modos de vida dos indígenas e, a partir da convivência e das oficinas e atividades, passam a conhecer um pouco mais não só do cotidiano, mas também da história dos Guarani. Esses conhecimentos, por sua vez, influenciam as práticas dos estudantes, pois estes começam a embasá-las não em seus costumes e hábitos, mas nos costumes e hábitos dos Guarani, gerando, pois, uma aproximação de ambas as culturas, sem que uma passe por cima da outra, e levando as intervenções a fazerem sentido para ambos os grupos (indígenas e não indígenas).

Segundo Barros et al. (2007a), exige-se do terapeuta ocupacional, a capacidade de intervir de acordo com a cultura específica de determinado local, rompendo com ações e procedimentos técnicos pré-estabelecidos. Vale ressaltar que a aproximação e a compreensão acerca do espaço e da cultura em que se está inserido é o que dá sentido ao que está sendo feito, sem embasar-se nos próprios hábitos e costumes, mas nos hábitos e costumes do outro. Por meio dessa compreensão é possível desenvolver atividades que são pertinentes culturalmente, valorizando o cotidiano e hábitos dos Guarani, favorecendo e valorizando a sua cultura e fortalecendo a afirmação identitária.

Mesmo com as diferenças, as indígenas foram muito receptivas e permitiram que nós ajudássemos, e que algumas coisas até fizéssemos da forma como estamos acostumados a fazer, foi o caso do angu e da salada, ao verem nossa preocupação somente falaram: “façam da forma como sabem, ficará bom”. Confesso que isso foi muito confortante, me senti em casa! (Extensionista B do projeto de extensão relatando sua experiência de cozinhar com as mulheres Guarani).

Logo que colocamos a lente/os óculos do outro em nossos olhos há certo desconforto, certa tonteira, mas quando passa é fantástico enxergar os fazeres cotidianos, como cozinhar, neste caso, de forma tão diferente. Nos cinco minutos iniciais achei que o almoço iria por água abaixo, mas depois percebi que a ordem dos fatores não alteraria o produto final. Então me permiti vivenciar um cozinhar mais calmo, mais tranquilo, me esqueci da hora, e passei a sentir o cheiro, o calor e as cores que emanavam daquela pequena cozinha (Extensionista C do projeto de extensão relatando sua experiência de cozinhar com as mulheres Guarani).

Dessa forma, a extensão universitária não se concretiza na ação, criticada por Paulo Freire, de se “estender” algo a alguém – no sentido da transmissão de conhecimentos impostos que não dialoga com a cultura do Outro, mas que a invade

(RODRIGUES, 1999) –, contrariamente, nossa prática se desdobra sobre uma base dialógica em que na comunicação não existe apenas um emissor e um destinatário, mas ambas as culturas atuam nos dois papéis, ora de emissor, ora de destinatário e vice-versa.

A relação entre sociedade e Universidade, baseada na comunicação, permite ao estudante uma formação diferenciada, proporcionando mais do que o lidar com as demandas reais da população, mas a realização prática do que se vê na teoria.

A aproximação e o conhecimento acerca do espaço e da cultura em que se está inserido é o que dá sentido ao que está sendo feito; ter consciência e me embasar não nos meus costumes e hábitos, mas nos costumes e hábitos dos Guarani. O que leva a outra reflexão: a alteridade é a capacidade de enxergar o outro não como um estranho, enxergá-lo tal como ele é, não como eu gostaria que ele fosse (Extensionista A do projeto de extensão falando sobre a importância do mesmo em seu processo de formação).

É no encontro com o outro que eu me (re) vejo, me (re) descubro e encontro em mim facetas jamais vistas e/ou vividas, passando assim a me (re) escrever e a me permitir novas possibilidades enquanto pessoa, estudante e profissional, aprofundando o conhecimento não só da minha própria cultura, mas também da do outro, e vendo nela não mais um lugar para me adentrar, ou que me adentre, mas um palco de construções mútuas que me cresce e cresce outro, respeitando os limiares de ambas as partes. Um encontro simplesmente fantástico! (Extensionista F do projeto de extensão falando sobre a importância do mesmo em seu processo de formação).

Essas experiências, como as ilustradas nos relatos, fazem com que o estudante se torne um sujeito crítico frente ao que se aprende em sala de aula e que se transforme, assim, em sujeito atuante que busca por novas respostas à medida que a complexidade do campo aumenta e lhe exige novas posturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão visou à socialização e interação entre os jovens Guarani das aldeias de Aracruz e de outras comunidades, além de disponibilizar aos estudantes de Terapia Ocupacional experimentar a relação teórico-prática e as trocas entre diferentes saberes e sobre diferentes culturas. Percebe-se o diferencial do projeto de extensão com enfoque cultural no processo de formação dos estudantes, como o estreitamento das relações estabelecidas entre os estudantes e entre os estudantes e os jovens e crianças Guarani, além do entendimento e prática em ação comunitária, com a realização de uma relação dialógica entre universidade e sociedade, bem como a oportunidade da diversa troca de saberes.

Este trabalho oportunizou aos estudantes a vivência de novas relações, a assunção de novos papéis e a obtenção de novas posturas, permitindo, assim, tra-

balhar as necessidades dos jovens, promovendo a relação intercultural. Para isso, foi fundamental a utilização dos diversos tipos de recursos existentes, como a dança, música, teatro, desenho, fotografia, vídeo, e outros, uma vez que intermediaram o nosso primeiro contato com eles, facilitando nossos diálogos e proporcionando trocas, produções e mediação de conflitos.

Nesse sentido, nossa perspectiva é prosseguir com as atividades do projeto de extensão, traçando novos objetivos e relacioná-los sempre às questões do universo do jovem, com suas expectativas futuras, e relacionadas com as questões também da comunidade. Ainda pretendemos ampliar as ações ao novo grupo participante, o das crianças Guarani, e com isso também incluir as questões do universo da criança. Dessa forma, questões como os modos de vida em diferentes culturas, seus rearranjos, ressignificações, adaptações, processos de emancipação, participação social, dentre outros, continuarão em nossos objetivos.

AGRADECIMENTOS

Aos extensionistas que participaram do projeto e contribuíram para o texto com suas impressões. Aos jovens e crianças Guarani das aldeias de Aracruz – ES. A todos que direta ou indiretamente contribuíram para as ações do projeto.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, M. de L. B. A** percepção do tempo/memória entre os jovens indígenas da Reserva de Dourados. *Imaginário*, v.12, n. 12, p. 295-305, 2006.
- BARROS, D.D.; GHIRARDI, M.I.G.; LOPES, R.E.** Terapia Ocupacional Social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 13, n. 3, p. 95-103, 2002.
- BARROS, D. D.; LOPES, R. E. ; GALHEIGO, S. M.** Terapia ocupacional social: concepções e perspectivas. In: CAV-ALCANTI, A.; GALVÃO, C. (Orgs.). *Terapia ocupacional - fundamentação e prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koo-gan, 2007. p. 347-353.
- BARROS, D. D.; ALMEIDA, M. C. de; VECCHIA, T. C.** Terapia Ocupacional social: diversidade, cultura e saber técnico. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v.18, n.3, p.128-134, 2007a.
- BENEDICT, Ruth.** *Padrões de Cultura*. Lisboa: Livros do Brasil, 1982.
- BRAND, A.; COLMAN, R. S.; MACHADO, N.** Os Guarani nas fronteiras do MERCOSUL. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro (BA). Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2005/antonio%20brand.pdf. Acesso em: 10 abr. 2014.
- CICCARONE, C.** Drama e sensibilidade: migração, xamanismo e mulheres mbya guarani. 2001. Tese (Doutorado) - Programa de Estudos de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** O Brasil Indígena. Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/images/pdf/indigenas/folder_indigenas_web.pdf><<http://indigenas.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 07 abr. 2015.
- ISA. Instituto Sócio-ambiental.** Povos Indígenas no Brasil. Disponível: <<http://www.socioambiental.org/pt-br>>. Acesso em: 07 de abr. 2015.
- GODOY, M. G. G.** Diálogos interculturais: a educação escolar indígena e as tradições Guarani Mbya [internet]. In: III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT), 2007, Salvador (BA). Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2007/MariliaGGhizziGodoy.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

LAPLANTINE, F. Aprender Antropologia. Tradução: Maria- Agnes Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LOUREIRO, K.; TEAO, K. História dos índios do Espírito Santo. Vitória: Editora do autor, 2009. 150 p.

MACEDO, M. D. C. Jovens entre culturas: itinerários e perspectivas de jovens Guarani entre a aldeia Boa Vista e a cidade de Ubatuba. 2010. 328 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MACEDO, M. D. C.; OLIVEIRA, C. S. R.; VEDOVE, L. M.; MACHADO, M. R. Terapia Ocupacional e os jovens Guarani do Espírito Santo: relação entre atividades humanas e perspectivas futuras. In: XII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional e IX Congresso Latino Americano de Terapia Ocupacional, São Paulo, 2011.

PELLON, L. H. C. Tensões interculturais e os impactos no processo saúde-doença na população Guarani Mbyá do município de Aracruz, Espírito Santo. 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

RODRIGUES, M. M. Universidade, extensão e mudanças sociais. Revista em Extensão, v.1, n.1, p. 41-51, 1999.

SANTOS, B. S. Por uma concepção multicultural dos direitos humanos. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 48, p.11-32, 1997.

